

ENSINO DE FILOSOFIA E CONHECIMENTO CIENTÍFICO A PARTIR DA PERSPECTIVA HEGELIANA¹

teaching philosophy and scientific knowledge from the hegelian
perspective.

Gabriel Morais Santana de Albuquerque²

Orientação: Prof. Dr. Suzano de Aquino Guimarães³

Resumo: O problema do conhecimento diz respeito à questão de como podemos conhecer o mundo que nos rodeia e se é possível ter conhecimento verdadeiro e confiável. A história da filosofia está repleta de diferentes abordagens para resolver esse problema. O grande projeto de Hegel (1770-1831) foi elaborar uma nova metafísica buscando dizer verdades para falar como o espírito (razão) não só faz parte do real mas também como transforma o real (vir a ser de si mesmo). Com efeito, para a educação, é essencial ter posse de uma definição de ciência clara e sem ambiguidades, visto o recente e crescente negacionismo difundido em certa parcela da sociedade, onde os discursos são relativizados. Deste modo, como poderíamos nos apropriar dessa filosofia hegeliana, que quer ser ciência, para contornar problemas do ensino de filosofia na contemporaneidade? Neste sentido, admitindo-se o “paradigma hermenêutico” e por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, o objetivo geral deste trabalho é investigar, numa perspectiva contemporânea, a relação entre o ensino de filosofia e o conhecimento científico a partir da perspectiva hegeliana, notadamente nas obras “Fenomenologia do espírito” (1807) e “Propedêutica filosófica” (1808-1813) de Hegel.

Palavras-chave: Hegel. Ciência. Ensino de filosofia.

Abstract: The problem of knowledge concerns the question of how we can know the world around us and whether it is possible to have true and reliable knowledge. The history of philosophy is replete with different approaches to solving this problem. Hegel's (1770-1831) great project was to develop a new metaphysics seeking to tell truths in order to speak about how the spirit (reason) is not only part of reality but also how it transforms reality (becoming of itself). Indeed, for education, it is essential to have a clear and unambiguous definition of science, given the recent and growing denialism spread in a certain part of society, where discourses are relativized. Thus, how could we appropriate this Hegelian philosophy, which wants to be science, to overcome problems in teaching philosophy in contemporary times? In this sense, admitting the “hermeneutic paradigm” and because it is a bibliographical research, the general objective of this work is to investigate, from a contemporary perspective, the relationship between the teaching of philosophy and scientific knowledge from the Hegelian perspective, notably in the works “Phenomenology of Spirit” (1807) and “Philosophical Propaedeutics” (1808-1813) by Hegel.

Key-words: Hegel. Science. Philosophy teaching.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cuja banca de defesa foi composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. Suzano Aquino Guimarães; Prof. Dr. Paulo Fernando Souza da Silva Júnior de Oliveira, na seguinte data: 10 de outubro de 2024.

² Graduando em Filosofia na UFPE.

³ Professor do Curso de Filosofia da UFPE.

Considerações iniciais

O problema do conhecimento diz respeito à questão de como podemos conhecer o mundo que nos rodeia e se é possível ter conhecimento verdadeiro e confiável. A história da filosofia está repleta de diferentes abordagens para resolver esse problema.

Na filosofia antiga, Platão e Aristóteles estiveram entre os primeiros filósofos a abordar o problema do conhecimento. Platão acreditava que o verdadeiro conhecimento só poderia ser obtido através da razão e da contemplação de tipos ideais, enquanto Aristóteles argumentava que o verdadeiro conhecimento só poderia ser obtido através da observação empírica da natureza. Na Idade Média, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino foram grandes filósofos que abordaram questões acerca do conhecimento. Agostinho argumentou que o verdadeiro conhecimento só pode ser obtido através da fé em Deus, enquanto Tomás de Aquino acreditava que o verdadeiro conhecimento pode ser obtido através da razão e da fé. Neste período começam a surgir alguns conceitos que seriam usados para o desenvolvimento do método científico. A navalha de Ockham, que afirmava ser mais interessante, dadas várias explicações para responder alguma pergunta, aceitar uma hipótese que leve em consideração o menor número de hipóteses. E na filosofia moderna, René Descartes foi um dos primeiros filósofos a abordar sistematicamente o problema do conhecimento. Ele argumentou que o verdadeiro conhecimento só pode ser obtido através da razão e da dúvida sistemática, questionando todas as crenças até encontrar aquilo que não pode ser duvidado (o *cogito*).

Já na filosofia contemporânea, alguns dos filósofos que lidaram com o problema do conhecimento incluem Ludwig Wittgenstein e Martin Heidegger. Enquanto Wittgenstein argumentou que muitas questões filosóficas são o resultado da ambiguidade linguística, Heidegger argumentou que o verdadeiro conhecimento só pode ser obtido através da compreensão dos humanos como seres no mundo (*dasein*). No âmbito das ciências, a discussão de Popper a respeito da verificabilidade e o problema da demarcação são temas de vital importância epistemológica.

Contudo, na passagem da época moderna para contemporânea, o grande projeto de G. W. F. Hegel (1770-1831) foi elaborar uma nova metafísica buscando dizer verdades para falar como o espírito (razão) não só faz parte do real mas também como ele transforma o real (vir a ser de si mesmo); ou dito de outro modo,

de forma dialética, como a razão que se compreende através da sua ação, contradições da realidade que, posteriormente, solucionam a si mesmas, cria sua metafísica a partir da história desvendando a realidade.

Com efeito, para a educação, é essencial ter posse de uma definição de ciência clara e sem ambiguidades, visto o recente e crescente negacionismo difundido em certa parcela da sociedade, onde os discursos são relativizados.

Com base na importância da disciplina “Filosofia” no Currículo do Novo Ensino Médio de Pernambuco (2021), este tema tem sua importância no âmbito educacional pelo fato de que, para estudantes do ensino médio, que estão se formando como cidadãos, precisam de um senso crítico a respeito do que é conhecimento; Não só isto, mas as maneiras possíveis de como poderíamos destrinchar isso que chamamos de conhecimento: popular, filosófico, científico etc., considerando o trecho: “Problematização da Racionalidade Teórica (que se refere ao problema do conhecimento, suas formas e possibilidades, sobre as incertezas e limites da racionalidade humana)” (Pernambuco, 2021, p.250).

Podemos perceber a necessidade do ensino de epistemologia visto que cada aluno precisa ter em mente diversas perspectivas a respeito do conhecimento, para assim ter uma bagagem teórica básica que possibilite sua própria visão crítica dos fatos. Deste modo, como poderíamos nos apropriar dessa filosofia, que quer ser ciência, para contornar problemas do ensino de filosofia na contemporaneidade?

Neste sentido, admitindo-se o “paradigma hermenêutico” e por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, o objetivo geral deste trabalho é investigar, numa perspectiva contemporânea, a relação entre o ensino de filosofia e o conhecimento científico a partir da perspectiva hegeliana, notadamente nas obras “Fenomenologia do Espírito” (1807) e “Propedêutica filosófica” (1808-1813) de Hegel.

Na primeira seção apresentamos a perspectiva hegeliana sobre conhecimento científico e ensino de filosofia, respectivamente, na Fenomenologia do espírito e Propedêutica filosófica. Na segunda seção relacionamos ensino de filosofia e conhecimento científico a partir das habilidades específicas do ensino de filosofia propostas no Currículo de Pernambuco. Por fim, na terceira seção, refletimos, numa perspectiva contemporânea, sobre a abordagem hegeliana referente ao ensino de filosofia e ao conhecimento científico.

1 Ensino de filosofia e conhecimento científico segundo Hegel

É destacada a abordagem de Hegel em relação à importância da cultura e formação (*Bildung*¹) no contexto da educação dos alunos, especialmente nos Discursos ginasiais² de fim de ano. Hegel enfatiza a necessidade de uma educação que vá além da mera transmissão de conhecimento, ressaltando a importância da formação integral dos estudantes. Hegel destaca a vantagem da disciplina e da auto-atividade dos alunos em contraposição à passividade, indicando que a participação ativa dos estudantes no processo educativo é fundamental para o seu desenvolvimento. Posteriormente, Hegel sublinha a importância de estabelecer uma conexão entre a esfera da escola e o mundo real, sugerindo que a educação deve estar em sintonia com a realidade vivida pelos alunos, tornando o aprendizado mais significativo e relevante.

Adiante, é destacada a importância da formação moral na educação dos alunos, apontando que a educação falha em seu propósito essencial de unificação pessoal se não incluir esse aspecto. A formação moral é vista como um elemento crucial para o desenvolvimento integral dos estudantes. Hegel aborda a separação tradicional entre a cabeça e o coração, entre o pensamento e a sensibilidade, defendendo a integração desses aspectos no processo educativo. Ele enfatiza a necessidade de supracumir³ essa dicotomia para uma formação mais completa e

¹ “A pedagogia hegeliana distingue-se das outras posições do neohumanismo pela importância que atribui ao momento negativo, à auto-alienação, no processo de formação individual. Hegel aplica aqui o seu conceito dialético de *Bildung*, conservando e superando as concepções do iluminismo e do classicismo clássico alemão. Não se limita a considerar a formação como um simples desabrochar natural das potencialidades, nem como uma realização harmoniosa de natureza estética, mas entende-a como um processo que implica alienação, para a partir dessa divisão, conseguir a unificação. A formação é sempre um processo difícil e laborioso” (Fernandes; 1994; p.13).

² “Em Dezembro de 1808 Hegel foi nomeado reitor do ‘Ginásio’¹ de Nuremberg, escola fundada pelo humanista Melanchthon em 1526. Exerceu este cargo até 1816, altura em que, finalmente, conseguiu obter, de novo, um lugar na Universidade (...) 1. Na Alemanha, estabelecimento de ensino de nível secundário [atual ensino médio], pré-universitário, caracterizado pelo ensino de Grego e Latim” (Fernandes; 1994, p.7).

³ “Aqui, apontamos as principais escolhas de alguns termos técnicos que precisam ser justificados: *Aufheben*. A fim de dispor de um verbo que pudesse expressar as três nuances de *aufheben* (isto é: negar, conservar, elevar), resolvemos seguir a solução já oferecida por Paulo Meneses: o neologismo *supracumir*. Este verbo foi cunhado justamente para significar o caráter progressivo de uma ação que, ao mesmo tempo, realiza um suprimir [sumir], um conservar [assumir] e um elevar [supra+assumir]. A nosso ver, as outras opções disponíveis estão afetadas por unilateralidades ou evidentes diferenças semânticas, que podem ser fonte de uma compreensão desviante do texto hegeliano, como por exemplo, “superar”, “remover” ou “suspender” (HEGEL, G. **Ciência da lógica: 1. A doutrina do ser**. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016, p.20 [Nota dos tradutores, grifos dos tradutores]).

equilibrada dos alunos. Hegel destaca a importância da mediação, da passagem pelo outro e pelos conteúdos de outros saberes, indicando que a assimilação frutífera dos conteúdos filosóficos requer uma abordagem pedagógica que permita essa integração e progressão nos momentos abstracto, dialético⁴ e especulativo.

Em resumo, nos Discursos ginasiais de fim de ano, Hegel demonstra sua preocupação com a formação integral dos alunos, enfatizando a importância da cultura, da formação moral e da conexão entre a educação e a realidade vivida pelos estudantes como elementos essenciais para um processo educativo significativo e enriquecedor.

É interessante aqui distinguir saber, ciência e conhecimento em Hegel. A ciência, que em sua época era considerada como um corpo organizado e coeso de conhecimento, tentou ser constituída como uma ciência única que, quando atingir sua totalidade, será um “círculo de círculos” que englobará as ciências particulares; Tendo como pilares a lógica, filosofia da natureza e a filosofia do espírito. O saber, que seria algo como uma experiência que passa a consciência para um caminho para a ciência. Hegel faz uma importante distinção entre o conhecimento que é de algo “familiar” e um conhecimento “sistematicamente conhecido”, dando a ideia de que o conhecimento progride da opinião para *episteme*.

⁴ “É da mais alta importância apreender e conhecer devidamente o dialético. O dialético, em geral, é o princípio de todo o movimento, de toda a vida, e de toda a atividade na efetividade. Igualmente, o dialético é também a alma de todo o conhecer verdadeiramente científico (...) Tudo o que nos rodeia pode ser considerado como um exemplo do dialético (...) Dizemos que todas as coisas (isto é, todo o finito enquanto tal) vão a juízo, e temos nisso a intuição da dialética como da potência universal irresistível diante da qual nada pode resistir — por seguro e firme que se possa julgar. Além do mais, a dialética se faz vigente em todas as esferas e formações do mundo natural e do mundo espiritual. Assim, por exemplo, no movimento dos corpos celestes. Um planeta está agora nesta posição, porém é em si [por natureza] estar também em outra posição; e, movendo-se, leva à existência esse seu ser-Outro. Do mesmo modo, os elementos físicos se mostram como dialéticos, e o processo meteorológico é a aparição de sua dialética. E o mesmo princípio que forma a base de todos os outros processos naturais; e pelo qual, ao mesmo tempo, a natureza é impelida para além de si mesma. No que toca à presença da dialética no mundo do espírito, e mais precisamente no âmbito do jurídico e do ético, basta recordar aqui como, em virtude da experiência universal, o extremo de um estado ou de um agir costuma converter-se em seu contrário; (...) A consciência da dialética no âmbito da ética, em sua figura individual, encontramos nestes adágios bem conhecidos por todos: “O orgulho precede a queda”; “Lâmina afiada demais fica cega”, etc. Também a sensibilidade — tanto corporal como espiritual — tem sua dialética. Pois, bem conhecido como os extremos de dor e de alegria passam um para o outro; o coração cheio de alegria se alivia em lágrimas, e a tristeza mais íntima costuma, em certas circunstâncias, revelar-se por um sorriso” (HEGEL, G. **Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio: 1830 (v.1 - A Ciência da Lógica)**. São Paulo: Loyola, 1995; §81, Adendo, p.163-165, grifos do autor).

Para Hegel, a ciência é entendida de diversas maneiras em sua filosofia. Em um sentido fenomenológico, a ciência é identificada com a verdade e o saber, representando a culminação do conhecimento, o saber que sabe a si mesmo, o saber do saber. Já em um sentido epistemológico, a ciência é vista como um todo circular, auto fundante e sistemático, no qual um conteúdo deve ser compreendido como um momento desse todo. Assim, a ciência para Hegel é o conhecimento verdadeiro que se desenvolve de forma sistemática e dialética em direção ao saber universal.

Hegel diferencia a ciência filosófica de outras formas de ciências de diversas maneiras. Ele considera a filosofia como a ciência por excelência, que engloba todas as outras ciências e busca a verdade absoluta. Enquanto as outras ciências utilizam o pensamento para analisar dados, a filosofia, como ciência, utiliza o pensamento para analisar o próprio pensar. Além disso, Hegel destaca que a filosofia é uma atividade consciente de si, na qual o pensar é objeto de reflexão. Então, a distinção entre a ciência filosófica e outras formas de ciências reside na busca pela verdade absoluta, na análise do próprio pensar e na reflexão consciente sobre o conhecimento.

Para Hegel, a ciência é o saber verdadeiro e sistemático porque representa a culminação do conhecimento, o saber que sabe a si mesmo, o saber do saber.

"O bem conhecido em geral, justamente por ser bem conhecido não é reconhecido. É o modo mais habitual de enganar-se e de enganar os outros: pressupor no conhecimento algo como já conhecido e deixá-lo tal como está"(HEGEL;2002,p.43)

Assim, a concepção de ciência segundo Hegel é que o conhecimento verdadeiro se desenvolve de maneira sistemática, partindo do saber mais elementar e básico até alcançar o saber absoluto.

1.1 Conhecimento científico na Fenomenologia do Espírito

Hegel quer tornar a filosofia um sistema da ciência. Ele se utiliza do termo ciência para se referir a um tipo de ciência que estuda não uma área específica, mas ela mesma, e certas vezes vem acompanhada do sistema. "Entre as várias consequências decorrentes do que foi dito, pode-se ressaltar esta: que o saber só é

efetivo - e só pode ser exposto - como ciência ou como sistema” (Hegel, 1989, p.33). Uma filosofia que seja sistemática poderia ser considerada (ou chamada) de ciência (*Wissenschaft*). Essa ciência deveria ser um todo articulado e não um agregado de pedaços relacionados, coesa, onde não se poderia tirar nem pôr. Ela deve conter em si todos os outros princípios particulares. Assim, essa sua ciência única engloba todas as "filosofias", se tomando apenas uma Filosofia.

Diante disto, é importante estar claro que Hegel começa sua Fenomenologia do Espírito da seguinte maneira:

A verdadeira figura, em que a verdade existe, só pode ser o seu sistema científico. Colaborar para que a filosofia se aproxime da forma da ciência - da meta em que deixe de chamar-se amor ao saber para ser saber efetivo - é isto o que me proponho. Reside na natureza do saber a necessidade interior de que seja ciência, e somente a exposição da própria filosofia será uma explicação satisfatória a respeito.(Hegel; 2002. p.27).

No prefácio dessa mesma obra, Hegel reflete sobre a exposição da verdade filosófica e questiona a relevância de um prefácio em uma obra filosófica, criticando convenções como esboços históricos e afirmações sobre a filosofia que podem ser inadequadas para a busca da verdade. Ele aborda a ciência como parte integrante da filosofia, destacando a importância de uma abordagem científica para a compreensão da realidade e da verdade. Esses pontos evidenciam a preocupação de Hegel com a natureza do conhecimento científico e filosófico, demonstrando sua postura crítica em relação às convenções estabelecidas na busca pela verdade e na compreensão da realidade. Eis uma breve passagem sobre ciência:

Talvez pareça necessário indicar antes os pontos principais do método desse movimento, ou da ciência. Mas seu conceito já se encontra no que foi dito, e sua apresentação autêntica pertence à Lógica, ou melhor, é a própria Lógica. Pois o método não é outra coisa que a estrutura do todo, apresentada em sua pura essencialidade. (Hegel; 1989; p.46)

Na introdução e no prefácio da Fenomenologia do Espírito, Hegel apresenta uma abordagem crítica e reflexiva em relação à questão da ciência. Ele destaca a importância de estabelecer um acordo sobre o conhecimento antes de adentrar na essência das coisas, reconhecendo a necessidade de compreender a natureza do conhecer como uma faculdade com limites para evitar equívocos. Hegel também explora a diversidade de tipos de conhecimento e ressalta a importância de selecionar o mais apropriado para alcançar a verdade.

Posteriormente, Hegel aborda a questão da ciência como parte integrante da

filosofia e como um elemento fundamental para a compreensão da realidade e da verdade. Ele destaca a importância de uma abordagem científica para alcançar um conhecimento mais profundo e abrangente sobre o mundo e sobre nós mesmos. A ciência é reconhecida como um caminho para a compreensão do mundo histórico e como um meio de decifrar o destino da própria ciência. Ele enfatiza a necessidade de supracumir as limitações da consciência imediata e de buscar uma compreensão mais aprofundada por meio do desenvolvimento do pensamento científico.

Além disso, Hegel discute a relação entre a certeza do sujeito e a verdade do objeto no contexto da ciência, destacando a importância de alcançar um saber absoluto que seja a adequação entre a certeza subjetiva e a verdade objetiva. Ele enfatiza a importância de supracumir as aparências e as limitações do conhecimento não verdadeiro para alcançar um conhecimento mais completo e verdadeiro. Hegel também aborda a relação entre a ciência e a consciência-de-si, destacando a necessidade de elevação da consciência a um nível de compreensão mais abrangente para que possa verdadeiramente viver e se realizar na ciência.

Além disso, a obra ressalta a importância de um estudo científico que assuma o esforço tenso do conceito, exigindo atenção às determinações simples e aos automovimentos do pensamento, afastando-se do hábito de guiar-se por representações e do pensar formal que não atinge a efetividade. A ciência, ao entrar em cena, é considerada uma aparência que precisa ser superada para se desenvolver em sua verdadeira essência, sendo necessário que a própria ciência se volte contra essa aparência para se libertar e alcançar seu pleno potencial. Esses trechos destacam a complexa relação entre a ciência e a consciência-de-si, bem como a importância do pensamento conceitual e da supracumulação das aparências para o desenvolvimento do conhecimento científico:

Os pensamentos verdadeiros e a inteligência científica só se alcançam no trabalho do conceito. Só ele pode produzir a universalidade do saber, que não é a indeterminação e a miséria correntes do senso comum, mas um conhecimento cultivado e completo; não é a universalidade extraordinária dos dotes da razão que se corrompe pela preguiça e soberba do gênio; mas sim, é a verdade que se desenvolveu até sua forma genuína, e é capaz de ser a propriedade de toda a razão consciente-de-si (Hegel, 1989, p.67)

A experiência que a consciência faz sobre si mesma não pode abranger nela, segundo seu conceito, nada menos que o sistema completo da consciência ou o reino total da verdade do espírito [...]

(Hegel, 1989, p.72).

Ainda sobre o saber e conhecimento, o dicionário Hegel faz uma importante distinção entre os diversos usos do termo “conhecimento”, um interessante para o presente trabalho seria: “Hegel examina *Erkennen* (mas não *Wissen*), ou seja, o conhecimento FINITO das ciências naturais e matemáticas..” (Inwood, 1997. p,89). E posteriormente também em:

Hegel usa *Erfahrung* de mais de uma maneira. Em FE, não está associada a qualquer forma particular de CONSCIÊNCIA, mas é a experiência por que passa a consciência em seu caminho para a CIÊNCIA. Neste caso, está em jogo a sugestão de uma viagem de descoberta” (Inwood, 1997. p.158).

A obra Fenomenologia do Espírito foi escolhida pelo seu caráter introdutório., nela pode-se dizer que a consciência faz uma espécie de “viagem” da consciência imediata até o Saber absoluto, ou seja, uma escolha que visa limitar o uso do termo ciência ao contexto da consciência. esta obra é referida como nascimento de um novo saber, é uma obra que nos diz também algo de essencial sobre a modernidade. Por ser um texto mais reduzido, em comparação a extensão da ciência da lógica e o escopo limitado que o presente trabalho busca, a fenomenologia do espírito surge como a obra mais apropriada no contexto do presente trabalho.

Segundo Menk (2014), essa concepção de ciência em Hegel “é algo que visa a verdade, ou um fim último de saber absoluto” mostrando que diferentemente da ciência de hoje em dia, fragmentada, Hegel associa ciência com a busca pela verdade, semelhante a busca primordial da filosofia, ou seja, o fazer ciência para Hegel é também um exercício essencialmente filosófico. “A ciência enquanto filosofia pode ser entendida como o estudo do pensar pelo pensar” (Menk, 2014. p.2) . Sobre o Absoluto, Hegel se utiliza da dialética para entender os movimentos do espírito, que consiste em três momentos: o ser em-si (o lado abstrato ou intelectualivo); o ser outro ou fora-de- si (o lado dialético em sentido estrito ou negativamente racional); o ser para-si (o lado especulativo ou positivamente racional). A respeito da dialética e ciência, entendemos que a ciência

já experimentou o tratamento de desconsideração por parte das formas uma vez aceitas de conhecimento e também dispensou igual tratamento às formas que entende haver superado. Agora surge a chance de superar sua atitude de superação e adotar a supressão hegeliana que nega, vai além e traz consigo as demais

formas de conhecimento (Novelli, 2010; p.149)

A dialética é um método que permite à ciência supracumular contradições e alcançar um conhecimento mais profundo e abrangente, sendo útil para a ciência fazer uma autocrítica e superar visões pré-concebidas ao seu respeito.

Hegel entende a ciência, no contexto do saber absoluto, como o ponto culminante de um processo dialético em que a consciência supracumula suas contradições e atinge uma compreensão mais constitutiva da realidade.

Sendo a ciência apresentada no saber absoluto, podemos entender que ela tem a característica de um saber que já chegou ao final de seu processo fenomenológico, ou seja, é um saber efetivo, mas que preserva seus momentos constituintes (Menk, 2014. p.5).

Esse saber científico não se limita ao conhecimento empírico, mas é filosófico e especulativo, integrando todos os momentos anteriores do desenvolvimento da consciência. Ao chegar ao final de seu processo fenomenológico, a ciência torna-se um "saber efetivo", pois não descarta os estágios anteriores, mas os preserva e os eleva em uma totalidade racional. Assim, a ciência no saber absoluto reflete um conhecimento que compreende tanto o real quanto a sua constituição histórica.

1.2 Ensino de filosofia na Propedêutica Filosófica

Hegel defende a relevância do ensino da filosofia aos jovens ao afirmar que esta disciplina aborda questões fundamentais para a humanidade:

Em segundo lugar, a filosofia contém os mais altos pensamentos racionais sobre os objectos essenciais, contém o universal e o verdadeiro dos mesmos; é de grande importância familiarizar-se com este conteúdo e acolher na própria cabeça tais pensamentos. (HEGEL, 1989, p.372)

O filósofo destaca a importância da filosofia considerar o ser humano como foco de estudo, o que resulta na compreensão mais profunda da realidade por meio da reflexão e especulação; bem como enfatiza que o contato direto com os textos filosóficos é essencial para desenvolver habilidades como abstração, dialética e especulação, ressaltando a necessidade da orientação do professor no processo de aprendizagem; já que o estudo da filosofia não é algo inato, mas requer direcionamento. Além disso, Hegel vê o ensino da filosofia como uma maneira de estimular o pensamento especulativo nos jovens, guiando-os gradualmente para uma abordagem sistemática da disciplina. Ele entende a especulação como a

síntese entre a reflexão e a intuição intelectual, e considera os ginásios como o ambiente ideal para cultivar as predisposições dos alunos para a especulação. O contato com os textos filosóficos é crucial para adquirir essa capacidade especulativa, justificando a importância do estudo da filosofia antiga e sua relevância para os jovens.

Hegel enfatiza a ligação intrínseca entre a filosofia e a vida humana, destacando que a filosofia aborda questões fundamentais essenciais para compreender tanto o ser humano quanto a realidade em que ele está inserido. Para Hegel, a filosofia deve focar no estudo do ser humano, buscando compreender sua natureza, aspirações, relações com o mundo e questões existenciais.

O filósofo argumenta que a filosofia não se limita a um exercício intelectual abstrato, mas possui o potencial de elevar a compreensão humana por meio da reflexão e especulação, e que seja estudado assim como as outras ciências (e não como algo que faria o aluno “pensar por si”) como: “Por muito que o estudo filosófico seja em si e para si um fazer por si mesmo, é igualmente uma aprendizagem – a aprendizagem de uma ciência já existente, formada.” (Hegel, 1989, p.373). Ao refletir sobre temas filosóficos, as pessoas podem adquirir uma visão mais profunda de si mesmas e do mundo, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e uma compreensão mais ampla do ambiente ao seu redor.

Hegel vê a filosofia como essencial para a educação, enfatizando que o ensino filosófico deve ser acessível a todos, mas com exigências rigorosas. Ele acredita que a educação deve ser uma atividade mediada, onde o aprendizado ocorre através da interação entre o que já existe e o que está emergindo, refletindo um processo contínuo de transformação. Para Hegel, a filosofia não apenas coloca o sujeito no centro, mas também o ajuda a supracumprir essa centralidade em sua unidade com o mundo.

É interessante mencionar sobre este aspecto a sugestão de Hegel de que o ensino de filosofia para os ginasianos, de acordo com sua experiência em Nürnberg, considere inicialmente as questões mais imediatas ou próximas do cotidiano, por terem sua existência confirmada e estabelecida na vida diária. Somente então se deve partir para “elevar a consciência para o mais alto, para o pensamento” (Novelli, 2005. p.135).

Dessa forma a filosofia não é apenas um campo acadêmico, mas uma ferramenta essencial na busca de significado, conhecimento e sabedoria na vida humana. Através da filosofia, as pessoas podem questionar, refletir e buscar respostas para as questões fundamentais da existência, promovendo um maior entendimento de si mesmas e do mundo em que vivem.

Para Hegel, a filosofia se distingue de outras formas de conhecimento por exigir disciplina, concentração e insistência, além de não ser aprendida de qualquer modo. Ela demanda um estudo regrado e sistemático, e seu conteúdo é considerado um patrimônio adquirido que deve ser apropriado pelo aprendiz. Enquanto outras ciências podem ser acessíveis de maneira mais casual, a filosofia requer uma abordagem mais rigorosa e reflexiva.

Ainda sobre a questão do ensino, Hegel critica a metodologia do ensino da filosofia em seu tempo por considerar que ela priorizava a forma em detrimento do conteúdo, resultando em uma abordagem superficial e facilitadora. Ele aponta que a pedagogia moderna se concentrava em métodos e técnicas, negligenciando a profundidade e a especificidade do conhecimento filosófico. Para Hegel, essa tendência comprometia a qualidade do ensino, pois não promovia uma verdadeira compreensão crítica e reflexiva dos temas filosóficos.

A respeito do ensino de filosofia, seria interessante mencionar que

a sustentação de todo ensino de filosofia é, mais do que didática ou pedagógica, basicamente filosófica. As interrogações 'que é ensinar filosofia?' e 'que é filosofia' mantêm então relação direta que enlaça aspectos essenciais da filosofia e do filosofar. (Cerletti, 2009, p.14)

A atitude filosófica no ensino de filosofia é caracterizada por uma disposição crítica e questionadora, que busca problematizar afirmações e desafiar o que é considerado óbvio ou natural. Essa atitude envolve a insistência em formular perguntas filosóficas e a busca por respostas, permitindo que tanto iniciantes quanto filósofos experientes compartilhem um olhar aguçado sobre os temas abordados. Portanto, o ensino de filosofia deve criar condições para a formulação de perguntas e a reflexão crítica.

2 Ensino de filosofia e conhecimento científico no Currículo de Pernambuco

O ensino de filosofia está presente no Currículo de Pernambuco apenas no 1º ano do ensino médio, no contexto de desenvolvimento do pensamento crítico e uma atitude crítica perante a sociedade, além de um agir ético. Visto que a filosofia tem como base o questionamento de vários aspectos da vida cotidiana, ela serve como propulsora do pensamento crítico, fazendo com que os jovens reflitam acerca dos problemas que emergem na relação com o outro e consigo mesmo. O conhecimento científico, que pode ser visto como tendo base em certas perspectivas filosóficas analíticas, tende a ser mal compreendido pela população em geral. Tais más compreensões advêm da dificuldade de captar a forma de funcionamento epistemológico da ciência, fazendo assim com que seja descredibilizada quando convêm. O Currículo de Pernambuco traz indicativos para essa conduta:

Só constrói conhecimento aquele que é capaz de, criticamente, se posicionar frente a grande quantidade de informação disponível. Entretanto, o professor não vai indicar aos estudantes quais são as fontes confiáveis, mas, fazê-los descobrir levando-os a cruzarem dados (Pernambuco, 2021, p.257)

A filosofia tem como importante papel ser responsável por discussões acerca da validade do conhecimento científico, visto que suas implicações influenciam em políticas públicas e decisões privadas (como a questão da vacinação durante a pandemia da SARS-CoV-2). É interessante que sejam trabalhados os aspectos epistemológicos da ciência, através da exposição de assuntos como filosofia da ciência, epistemologia e teoria do conhecimento, tornando o aluno apto a adentrar em discussões científicas, com base na primeira competência:

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles (PERNAMBUCO, 2021, p.257)

A filosofia pertence à Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA), aparecendo como matéria no primeiro ano do ensino médio. A área na qual é integrada tem como pressuposto que as ações humanas, o objeto que se estuda, não se compreende apenas pelas suas externalizações, mas considera essencial a interpretação e compreensão individual na compreensão dos assuntos abordados.

Visto que a realidade, segundo Pernambuco (2021), não é compreendida apenas como um objeto observável e reduzido, mas como propensa a mudanças e transformações, se entende que tal realidade é coletiva, e depende da prática social, realizada por indivíduos nos seus interesses e ambições, sendo estes influenciados por valores próprios de uma sociedade da qual fazem parte. Nesse âmbito, “é importante a agregação das ciências humanas e sociais, afinal se trata de saberes que lidam com as relações humanas em sua complexidade” (Pernambuco, 2021, p. 247), dando espaço para debates acerca de tais questões.

A filosofia, um dos componentes da área das ciências humanas, é entendida como fundamental na formação integral dos estudantes, pois estuda primariamente o aspecto da vida humana, considerando dentro um ponto de vista, e de modo crítico, a relação do indivíduo com o mundo, de modo a significar e repensar seus valores. Nessa perspectiva, o currículo põe como objetivo do ensino de filosofia tornar o estudante “apto à apreensão do sentido de sua existência” (Pernambuco, 2021, p. 249), levando em conta suas experiências existenciais.

O Organizador Curricular Por Bimestre Para Filosofia é um documento que auxilia e guia o professor no seu movimento dentro da sala de aula. Com a chegada do novo currículo, alguns “grandes” pensadores acabaram sendo removidos, pois temos agora um viés mais temático e voltado para “solução de problemas”), porém alguns clássicos ainda permaneceram.

Hegel, apesar de ter seu sistema abrangendo quase todas as áreas da filosofia, está presente no documento curricular apenas no contexto da política, acompanhado de Locke e Rousseau. Destacamos uma citação direta ao nosso pensador nos objetos do conhecimento: “Cidadania, Democracia e Liberdade. Estado, Sistemas de Governo e finalidades da vida política. Filosofia Moderna: Locke, Rousseau e Hegel” (Pernambuco, 2021, p.278).

Também podemos localizar naquele mesmo Organizador trechos pertinentes à nossa pesquisa:

(EM13CHS202FI06PE) Identificar/analisar, criticamente, através de leituras de textos e debates, as principais mudanças nos discursos e práticas políticas e socioculturais em decorrência das repercussões da

ciência e tecnologia no mundo contemporâneo. (Pernambuco, 2021, p.275; grifo nosso).

(EM13CHS306FI13PE) Identificar textos filosóficos sobre a importância no papel da **ciência** e da tecnologia nos diferentes processos econômicos e sua influência no mundo contemporâneo (Pernambuco, 2021, p.276; grifo nosso).

(EM13CHS404FI16PE) Compreender, através de análise crítica, a importância da **ciência** e da tecnologia e seus impactos na nova organização do mundo do trabalho na atualidade. (Pernambuco, 2021, p.276-277; grifo nosso).

Por fim, destacamos também que na “Unidade Curricular Obrigatória: investigação científica”, inserida na trilha de “Direitos humanos e participação social”, encontramos a categoria de “investigação científica”; nela podemos observar que o estudante necessita estar apto para lidar com problemas advindo da produção científica, ou seja, “Elaboração de proposição para problemas específicos sobre o estudo realizado” (Pernambuco, 2021, p.258).

3 Ensino de filosofia e conhecimento científico a partir da perspectiva hegeliana: considerações contemporâneas

O ensino de filosofia é fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico, da reflexão e da capacidade de argumentação dos estudantes. Através do estudo da filosofia, os alunos são expostos a diferentes correntes de pensamento, questões éticas, políticas, metafísicas e epistemológicas, o que contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e críticos. No ensino de filosofia, é importante abordar não apenas os conteúdos filosóficos em si, mas também estimular os alunos a pensarem por si mesmos, a questionarem o mundo ao seu redor e a desenvolverem suas próprias ideias e argumentos. Além disso, é essencial promover debates e discussões em sala de aula, incentivando a troca de ideias e o respeito às opiniões divergentes. O ensino de filosofia também pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades como a análise crítica de textos, a argumentação lógica, a interpretação de conceitos complexos e a reflexão sobre questões éticas e morais. Essas habilidades são valiosas não apenas no contexto acadêmico, mas também na vida pessoal e profissional dos estudantes. Portanto, o ensino de filosofia desempenha um papel importante na formação integral dos alunos, ajudando-os a compreender o mundo de forma mais ampla, a questionar as verdades estabelecidas e a buscar respostas para questões fundamentais sobre a existência humana e o conhecimento.

Hegel reconhece a importância da ciência para a vida moderna, porém com ressalvas a respeito dela estar fazendo "o melhor para a humanidade". Criticando essa generalidade, Hegel afirma que a existência é condicionada historicamente. Busca na enciclopédia a resposta para como a filosofia e a ciência pretendem ser "saber de fato". Hegel deixa implícito o significado de filosofia como amor ao saber, algo que não tem o objeto de estudo tão bem definido quanto a ciência, que será o "principal" alvo de investigação. A filosofia se definiria enquanto se faz, no vir a ser. Para Hegel. O que aproxima a ciência da filosofia é o afastamento, uma tem bem definida o que é, a outra teria uma certa "vantagem" em não precisar se definir. Por se definirem a partir do objeto estudado, as ciências acabam ignorando a si mesmas e olhando somente para o objeto e não para o sujeito. Diante dessa visão, a ciência pode ser ensinada de forma mais crítica. Podendo analisá-la sob um viés holístico, inspirado no sistema hegeliano, a ciência seria vista como um saber que pode estudar a si mesmo e suprassumir algo de relevante durante o processo dialético. Se utilizando dessa perspectiva de ciência como englobadora de outras ciências, a abordagem da temática em sala de aula pode ser feita de forma multidisciplinar, trazendo diversos debates construtivos acerca de questões pertinentes que emergem dos problemas da sociedade.

A passagem de Hegel, a saber, "É por essa necessidade que o caminho para a ciência já é ciência ele mesmo, e portanto, segundo seu conteúdo, é ciência da experiência da consciência" (Hegel, 2002, p.81), reflete a forte conexão que existe entre o conhecimento, a experiência e a formação da consciência. Para Hegel, o processo de aprendizado é mais do que apenas obter conhecimento. É um processo dialético em que a consciência é construída pela interação com o mundo e com as próprias experiências.

Essa noção se relaciona com a educação. Primeiro, propõe que o ensino deve ser um processo que envolve a reflexão crítica e a autoanálise, além da mera transmissão de informações. Os professores devem oferecer aos alunos um ambiente que os incentive a perguntar, investigar e integrar suas experiências pessoais com as disciplinas acadêmicas. Os alunos se tornam protagonistas de seu próprio aprendizado porque o aprendizado se torna um processo ativo e dinâmico.

Além disso, a ideia de que o caminho para a ciência já é ciência significa que a educação é um tipo de conhecimento. Isso significa que a educação deve ser vista como um ambiente de pesquisa e descoberta, valorizando e analisando as experiências diárias dos alunos. A relação entre teoria e prática é fundamental, pois os alunos aprendem melhor quando podem ver como as coisas funcionam no mundo real.

Por fim, a perspectiva de Hegel sobre a experiência da consciência como um componente fundamental do conhecimento sugere que a educação deve ser um processo abrangente, em que a reflexão crítica, a experiência pessoal e o desenvolvimento da consciência estão interconectados, criando uma base sólida para o aprendizado significativo e duradouro.

Considerações finais

Com base nessas experiências, seria interessante que o professor tendesse a um trabalho que se utilizasse de uma visão mais abrangente da ciência, onde os alunos pudessem ter contato com as bases epistemológicas da produção científica para que possam discernir mais adequadamente fontes confiáveis ou não de conhecimento, tal discernimento se mostrou necessário e até mesmo questão vital nos últimos anos. Um conceito importante para a compreensão da filosofia de Hegel é o de ciência. Isso tem um impacto significativo na educação filosófica contemporânea. Hegel considera que a ciência é um processo dialético de descoberta da verdade, em vez de ser simplesmente uma coleção de informações. Ele vê a filosofia como um conjunto de conhecimento que pode provar a verdade por meio de lógica interna. Como tal, a ciência é o verdadeiro saber que se desenvolve através do conceito para chegar à verdade absoluta. Este método contrasta com a perspectiva de Hegel sobre as ciências como a física e a biologia, que ele considera como campos de conhecimento que não alcançam o mesmo nível de compreensão profunda e sistemática da realidade.

Existem várias maneiras pelas quais o conceito de ciência de Hegel pode ser útil para o ensino da filosofia nos dias de hoje. Para começar, ele fornece uma base para entender como o conhecimento filosófico evoluiu e como ele se relaciona com outros tipos de conhecimento. Isso pode ajudar os alunos a apreciarem a filosofia

como uma disciplina rigorosa e sistemática que busca uma compreensão abrangente da vida. Além disso, a ênfase de Hegel na dialética como técnica de ensino estimula o pensamento crítico e a compreensão de como várias perspectivas e ideias se relacionam entre si.

A perspectiva hegeliana pode ser usada na educação para inspirar os alunos a refletir sobre suas próprias crenças e sobre o mundo que os cerca. Ao estudar a história da filosofia e a evolução do pensamento humano, como propõe Hegel, os alunos podem obter uma melhor compreensão de como suas próprias crenças se encaixam em um contexto mais amplo. Isso pode resultar em um maior interesse em questões filosóficas e uma compreensão mais profunda da importância da filosofia na vida cotidiana.

Além disso, a abordagem de Hegel ao ensino da filosofia enfatiza a função mediadora do professor no processo de ensino. Ele sustenta que o aprendizado filosófico não ocorre naturalmente ou espontaneamente, mas exige orientação. O professor é vital para ajudar os alunos a explorarem os escritos filosóficos e adquirir as habilidades de especulação e reflexão.

Em resumo, a noção de ciência de Hegel continua a ser relevante para o ensino da filosofia porque fornece uma compreensão sólida do que significa conhecer e entender o mundo, sem ser dogmático nem cético.

Apresentar como e por que aquele era o momento em que a filosofia teria finalmente alcançado esse status de ciência, isto é, as condições de possibilidade da filosofia apresentar propriamente um saber efetivo (ou seja, nem um dogma, nem se manter cético)" (Miranda, 2024, p.54)

Ademais, Hegel oferece uma base firme para o ensino de filosofia, que é desafiador intelectualmente e enriquecedor para o indivíduo, incentivando os alunos a se tornarem pensadores críticos e independentes. Com sua ênfase na dialética e no desenvolvimento do espírito humano, a filosofia de Hegel fornece insights importantes que podem melhorar a experiência educacional e preparar os alunos para enfrentar as complexidades do mundo moderno.

Referências

CERLETTI, A. **O Ensino de Filosofia como Problema Filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FERNANDES, M. Introdução. In: HEGEL, G. **Discursos sobre Educação**. Lisboa: Colibri, 1994, p.7-16.

HEGEL, G. **Ciência da lógica: 1. A doutrina do ser**. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016.

HEGEL, G. **Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio: 1830 (v.1 - A Ciência da Lógica)**. São Paulo: Loyola, 1995.

HEGEL, G. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista: USF. 2002.

HEGEL, G. **Propedêutica Filosófica**. Lisboa: Edições 70, 1989.

INWOOD, M. **Dicionário Hegel**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1997.

MENK, T. **O que Hegel entende por Ciência**. 2014 Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/semanadefilosofia/XI/30.pdf> Acesso em: 17 set 2024.

MIRANDA, M. **10 Lições sobre Hegel**. Editora Vozes, 2024.

NOVELLI, P. **A Lógica como Ciência do Lógos: desafios à Ciência**. Revista Dissertatio de Filosofia, v. 43, p. 129, 13 out. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/dissertatio.v43i0.9728>. Acesso em: 11 set. 2023.

NOVELLI, P. **O ensino da filosofia segundo Hegel: contribuições para a atualidade**. Trans/Form/Ação, v. 28, n. 2, p. 129-148, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0101-31732005000200009>. Acesso em: 11 set. 2023.

PORTAL Gov.br. **Currículo de Pernambuco: ensino médio**. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/novo-ensino-medio/pdfs/RCSEEPE.pdf> Acesso em 29 mai 2023.